

PERSPECTIVAS, DILEMAS E DESAFIOS DA COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL

Maria Aparecida Ferrari¹

¹ Maria Aparecida Ferrari é Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), onde é docente na graduação e pós-graduação do Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo. Coautora dos livros *Relações públicas: teoria, contexto e relacionamentos*; *Relaciones públicas: naturaleza, función y gestión de las organizaciones contemporáneas*; e *Gestión de relaciones públicas para el éxito de las organizaciones*. Foi uma das fundadoras da Associação Brasileira de Pesquisadores de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas (Abrapcorp) e assumiu vários cargos na entidade no período de 2008 a 2014.

RESUMO

O artigo tem como objetivo trazer algumas contribuições que envolvem a comunicação, a interculturalidade e as organizações no contexto da sociedade contemporânea. Esses três temas emergem em um momento no qual a sociedade observa uma mudança de paradigma, que tem alterado as relações interpessoais e grupais entre pessoas de diferentes partes do mundo. Sendo a realidade organizacional tão complexa, é necessário que nos debruçemos sobre as diversas disciplinas das ciências sociais que, com suas especificidades, permitem um melhor entendimento da referida realidade. Dessa forma, o conceito de interdisciplinaridade é vital para analisar, mediante múltiplas perspectivas, os fenômenos organizacional e comunicacional.

PALAVRAS-CHAVE: Globalização. Interculturalidade. Multiculturalismo. Diálogo intercultural. Comunicação intercultural.

ABSTRACT

The purpose of this article is to provide diverse input in regards to communication, interculturalism and organizations in contemporary society. Such themes emerge at a time when society realizes the shift in paradigm therefore affecting interpersonal and group relations worldwide. Considering organizational reality a complex matter, it is necessary to devote our efforts to deeply explore the various disciplines of social sciences, in their

specificities, allowing a better understanding of such reality. Thus, the concept of interdisciplinary study is vital to analyze, through multiple perspectives, organizational and communicational phenomena.

KEYWORDS: Globalization. Interculturalism. Multiculturalism. Intercultural dialogue. Intercultural communication.

INTRODUÇÃO

No contexto da globalização, o aumento das migrações e o crescimento das cidades, os desafios conexos com a preservação da identidade cultural e o fomento do diálogo intercultural adquirem uma nova projeção e tornam-se mais urgentes. Essa afirmação faz parte do relatório da UNESCO (2009) que abre o presente artigo e tem como objetivo trazer a discussão algumas contribuições que envolvem a comunicação, interculturalidade e organizações. Esses três temas emergem em um momento no qual a sociedade observa uma mudança de paradigma, que tem alterado as relações interpessoais e grupais entre pessoas de diferentes partes do mundo.

O presente texto pretende tratar, de forma didática, os conceitos que levam à compreensão da comunicação intercultural. Para chegar até o nosso objetivo, é preciso visitar alguns constructos que, como peças de um caleidoscópio, dão forma e consistência ao entendimento da

comunicação intercultural. E isso só será possível apresentando o fenômeno da globalização, a identidade e a mundialização da cultura, a cultura como cimento das sociedades e organizações, a comunicação como processo inerente à vontade do homem e a comunicação e o diálogo intercultural como resultado da corrente sinérgica que envolve os conceitos aqui mencionados.

GLOBALIZAÇÃO, INCERTEZAS E COMPLEXIDADE

O conceito de globalização já passou por inúmeras definições com diferentes acepções, como as que destacavam os aspectos econômicos, os políticos, os sociais, os culturais, principalmente na década dos anos 80. Para os críticos mais radicais, a globalização não devia ser considerada como um fenômeno que tenha decorrido naturalmente dos avanços do modo de produção capitalista, mas surgiu de uma política deliberada a qual vem sendo formulada e organizada por governos dos países ricos, empresas multinacionais, agências internacionais, com apoio ostensivo da mídia mundial (Wanderley, 2006).

A visão tradicional de globalização estava relacionada aos processos de homogeneização. Hoje, a visão mais crítica e provocadora trata de conceituar a globalização como um processo impulsor da heterogeneidade.

A referida noção de heterogeneidade está vinculada aos processos de hibridização (Canclini, 1999). Desta forma, a globalização e a hibridização passam a ser duas dimensões inseparáveis que vão permitir as mesclas culturais. Ianni (2005) afirma que a globalização é um processo econômico, financeiro, tecnológico e cultural e que precisa ser entendido não só como modo de produção ou de organização da economia, mas também de pensá-la como um *processo civilizatório*. Para o autor, a globalização é um fenômeno que transcende as esferas mais tangíveis das interações entre os povos e países e altera as relações sociais e culturais, instaurando novas maneiras de comportamento na sociedade, gerando o que o autor propõe como um processo civilizatório (Grunig, Ferrari, França, 2011).

Canclini (1999) dizia que a outra cara da globalização econômica e tecnológica é a interculturalidade e que a globalização não supõe inevitavelmente uniformidade. Maalouf (*apud* Rodrigo Alsina, 2004) afirmou que a época atual ocorre entre a harmonização e a dissonância, mostrando que se afirmamos com tanta paixão as nossas diferenças é porque somos cada vez menos diferentes. Isso se dá porque o contato com pessoas de culturas diferentes aumentou muito, quer pelo avanço das tecnologias, como também pelos fluxos migratórios, entre outros fatores. E quanto mais tratamos de entender e conceituar a globalização, mais próximos estamos da dimensão

intercultural, como fruto do referido fenômeno e que ocorre mediante os contatos interpessoais, como também se manifesta, sobretudo, por meio das indústrias culturais.

Rodrigo Alsina (2004, p. 57) afirma que “é um paradoxo ver que em um mundo aparentemente tão bem informado, a incerteza não para de crescer e que com mais informação aumente nossa ignorância porque começamos a saber o que não sabíamos”. Essa incerteza pode ser relacionada ao enfoque desenvolvido por Grunig, Ferrari e França (2011) quando tratam do conceito de vulnerabilidade explicando que é uma situação de fraqueza ou debilidade na qual as organizações se encontram diante de eventos que podem colocar em risco sua *performance*, causados por ambientes de intensa competitividade e riscos. O fato de as incertezas e vulnerabilidades estarem mais presentes no dia-a-dia das pessoas faz com que os indivíduos se tornem mais conscientes de sua própria complexidade social e Morin (1997), quando trata da complexidade, propõe fazer uma aproximação que nos mostra a diversidade e a complexidade da realidade.

ElHajji (2006), com relação ao conceito de globalização, afirma que

não deve ser entendido em relação ao globo terrestre, mas sim no sentido da globalidade de uma ação ou de um processo, ou seja, a sua realização ou a sua vivência

simultânea em múltiplos pontos do espaço. É essa equação que possibilita o surgimento efetivo e concreto das culturas e identidades transnacionais, fundadas numa origem comum (muitas vezes mítica), mas dialeticamente (in)-dependentes, em contradição, negação ou negociação dos quadros organizacionais estatais e territoriais tradicionais. (ELHAJJI, 2004, p. 9).

A teoria da globalização, através de seus principais formuladores, não deixou de chamar atenção sobre essa correlação dialética existente entre o processo de globalização e a tendência generalizada de des/reterritorialização e de reenraizamentos locais, particulares e transnacionais.

Não serão esgotadas as possibilidades de definir a globalização e sua importância para entender a sociedade e os processos interculturais, mas com certeza ela aumentou os pontos de interação e de fricção entre as culturas, originando tensões, fraturas e reivindicações relativas à identidade, que podem se converter em fontes potenciais de conflito. É importante reforçar que a tecnologia foi um dos fatores impulsores do processo de globalização, na medida em que as pessoas passaram a ter maior acesso às informações e os relacionamentos entre as pessoas e organizações também se

alteraram. Enfim, o fenômeno da globalização está aí a nos desafiar para a descoberta de novos modelos e paradigmas em todo o contexto da atividade humana, e na continuação apresentamos alguns dos elementos que compõem o caleidoscópio da cultura.

IDENTIDADE E CULTURA COMO FORMADORES DAS BASES PARA O ENTENDIMENTO INTERCULTURAL

A noção de identidade é essencial para o estudo da interculturalidade. Segundo Warnier (2000, p. 16), “a identidade é definida como o conjunto dos repertórios de ação, de língua e de cultura que permitem a uma pessoa reconhecer sua vinculação a certo grupo social e identificar-se com ele”. Com isso entendemos que a cultura e a língua são elementos primordiais da identidade de uma sociedade e que influem no relacionamento com pessoas de outras culturas e ambientes sociais. No cenário da globalização da cultura, um mesmo indivíduo pode assumir identificações múltiplas que mobilizam diferentes elementos de língua, de cultura, de religião, em função do contexto.

Segundo Cuche (2002, p. 182), “a identidade é uma construção que se elabora em uma relação que opõe um

grupo aos outros grupos com os quais está em contato”. Desta forma, para o autor, a identidade existe sempre em relação a uma outra, pois faz parte da complexidade do social e isso ocorre por causa de seu caráter multidimensional e dinâmico. Na mesma linha Rodrigo Alsina (2004, p. 55) diz que “a identidade é uma construção cultural fruto da socialização e da interação social”, o que mostra que para ambos os autores a identidade é construída pela comparação e diferenciação.

A reflexão de Hall (1993, p. 45) também segue na mesma perspectiva e aponta que “a identidade é sempre vista da perspectiva do outro”. Sua proposição nos leva à consideração de que as identidades só podem ser vislumbradas no que têm a dizer, sobre si e sobre o seu outro, na relação com o outro. Hall (2011) coloca que é urgente a necessidade de repensar o entendimento sobre identidade, uma vez que ao longo do tempo as sociedades foram marcadas por transformações que influenciaram a forma de compreender os sujeitos e sua cultura. Como já mencionamos, em seus textos Hall trabalhou com a ideia de que toda identidade é móvel e pode ser redirecionada e indica a possibilidade de usar o termo *identificação* ou *processo identitário* para compreender, de maneira mais significativa, as representações que formam e transformam as culturas, os sujeitos e os espaços. Ao adotar a *identificação*, Hall defende que nenhuma identidade é fixa ou imóvel e

que não somos capazes de encontrar verdades absolutas sobre as identidades (Polleto e Kreutz, 2004).

Cuche (2002, p. 176) afirma que a “cultura pode existir sem consciência de identidade, ao passo que as estratégias de identidade podem manipular e até modificar uma cultura que não terá então quase nada em comum com o que ela era anteriormente”. Antes de definir a interculturalidade é recomendável primeiro refletir sobre o conceito de cultura, reforçando que ambos os constructos, cultura e interculturalidade, estão baseados em estudos cognitivos e de comunicação.

Usado essencialmente pela antropologia, o conceito tradicional de cultura tem sido questionado por diversos pesquisadores diante das profundas mudanças que ocorrem no mundo. Porém, não podemos deixar de mencionar uma das definições clássicas elaborada por Schein (1986), que define cultura como

um conjunto de pressupostos básicos que um grupo inventou, descobriu ou desenvolveu ao aprender como lidar com os problemas de adaptação externa e integração interna e que funcionaram bem o suficiente para serem considerados válidos e ensinados a novos membros como a forma correta de perceber, pensar e sentir, em relação a esses problemas. (SCHEIN, 1986, p. 47).

Do ponto de vista mais tradicional da antropologia, cultura refere-se a sistemas de significados compartilhados e através dos quais os diferentes grupos sociais compreendem e estruturam suas vidas individuais e coletivas e o mundo material que os rodeia. Assim, a cultura seria característica de grupos definidos em termos de sua especificidade e associada a uma sociedade e a um território. Cultura é assim percebida como espacialmente específica: grupos diferentes ocupariam espaços distintos e representariam “culturas” particulares e únicas.

Hoje tratamos a cultura como um processo em mutação, complexo e criativo, que pode ser abordado de múltiplas maneiras e, como decorrência de sua peculiaridade, não há consenso entre os estudiosos sobre a sua definição. Justificamos essa nova abordagem pela exposição dos indivíduos aos processos de globalização que os coloca em embates diante das diferenças culturais, de estilo de vida e de pensamento. Os indivíduos e os diferentes grupos diante do cenário a que são expostos produzem respostas distintas ao próprio fato da diferença que, por causa da globalização, parece cada vez mais óbvia. Portanto, hoje as sociedades vão aprender a lidar com as diferenças mais do que em qualquer outro momento histórico.

Hall (2011, 2003) e Ganesh (2015) concluem que a cultura

opera para constituir os sujeitos em um sistema de representações compartilhadas e, como reforça Hall, o correto seria falar de “culturas” e não de “cultura”, uma vez que existem diferentes culturas. Ganesh (2015), por meio de um exemplo histórico-culinário — *Garam masala* é um tempero autenticamente indiano que contém grãos de variadas pimentas e especiarias que chegaram de distintas partes do mundo —, mostrou que o mundo é e sempre foi intercultural, e que todas as culturas são híbridas. E que somente a análise histórica pode revelar a natureza híbrida de todas as culturas e nesse sentido, toda cultura é a história de encontros interculturais. Nenhuma cultura reproduz uma única cultura; somos todos multiculturais mesmo no interior de nós mesmos, e reproduzimos e atuamos identidades étnicas, profissionais, sexuais, de gênero e de classe. A cultura é o estudo das relações entre elementos em um modo de vida global e é um processo onde ocorrem as lutas por significados (Hall, 2003). Cultura, segundo Grunig, Ferrari e França (2011, p. 139) pode ser compreendida como

a maneira de entender um determinado contexto e de nele atuar. Ela é o resultado da experiência humana, ou seja, é própria de cada sociedade, na qual

as ideias ou premissas dão sentido ao mundo e também permitem a interação entre os elementos que a compõem.

Se a noção de cultura é básica para o entendimento do comportamento das pessoas em determinado contexto social, a cultura nacional faz parte do universo para compreender e lidar com as diferenças que surgem nas interações entre fronteiras. Como consequência natural da integração econômica e da globalização, aumenta a necessidade e a busca por modelos práticos que expliquem as diferenças entre crenças culturais, bem como atitudes e comportamentos baseados nos ambientes empresariais de diferentes culturas.

A cultura está relacionada com a comunicação. A comunicação permite que a cultura não seja algo estático, mas sim um processo de constante reafirmação e também de redefinição. As relações entre a cultura e a comunicação são tão complexas que até mesmo expressá-las é difícil: ao mesmo tempo em que a comunicação permite a existência da cultura, a cultura condiciona a forma de comunicarmos.

Outro ponto relevante a destacar é que as práticas comunicativas e de gestão dos relacionamentos das organizações ocorrem em um contexto multicultural e, dessa forma, as organizações latino-americanas devem ser compreendidas por suas características próprias, que dificilmente são as mesmas dos países

desenvolvidos. Essa leitura cultural obriga o pesquisador a analisar a realidade latina de maneira particular, de acordo com os elementos da cultura local.

INTERCULTURALIDADE E MULTICULTURALISMO: OLHARES DA CONTEMPORANEIDADE

A interculturalidade é o tópico que amplia a discussão sobre a importância da cultura, revisitada no item anterior, assim como a comunicação que em seguida será tratada. A interculturalidade significa a relação entre pessoas de distintas culturas e, na verdade, a interculturalidade se produz desde os inícios da humanidade, na medida em que pessoas de culturas diferentes se relacionaram ao longo da história. Para compreender melhor as especificidades das terminologias, separamos e comparamos os conceitos de multiculturalismo e de interculturalidade.

Segundo Barbosa e Veloso (2007), o multiculturalismo e a interculturalidade são dois conceitos que merecem ser diferenciados um do outro. De acordo com as autoras, a noção de multiculturalismo vai além das políticas identitárias, pois trata das questões da diferença e da identidade sob a rubrica do “reconhecimento” da diferença. Este conceito inclui não só identidades pessoais, mas também temas mais abrangentes, como as políticas multiculturais, os dilemas

éticos relacionados à diversidade cultural e étnica, os conflitos interculturais e a questão da integração (individual e social) a novas comunidades políticas multiculturais e transnacionais. Também enfatiza a coexistência de vários diferentes no interior de um mesmo espaço e ao mesmo tempo, sem a necessidade de interação, com uma interação limitada ao mínimo necessário para a operação da vida cotidiana ou, ainda, circunscrita à dimensão pública e jurídica. Rodrigo Alsina (1997) entende por multiculturalismo a coexistência de distintas culturas em um mesmo espaço real, midiático ou virtual. O multiculturalismo marcaria o estado, a situação de uma sociedade plural a partir do ponto de vista de comunidades culturais em identidades diferentes.

Segundo Rodrigo Alsina (2008, p. 131), a “interculturalidade é um conceito relacional e, como tal, pode servir para estabelecer pontes entre culturas, disciplinas e teorias, porque a interculturalidade *é um olhar que busca o cruzamento com outras culturas, disciplinas e teorias*”.

Ainda que quiséssemos criar tipologias ou modelos culturais, todas as propostas seriam imprecisas para analisar o indivíduo que se encontra mergulhado na sua cultura e nos processos comunicativos, frutos dos cenários nos quais ele se encontra. Apesar da dificuldade de mensurar os comportamentos, Rodrigo Alsina (2008) apresenta no Quadro 1 uma proposta para entender as transformações do

espaço e dos indivíduos por meio de três estágios ou, como diz o autor, de três mundos como resultado do processo cultural. O autor afirma que os “mundos monocultural, multicultural e intercultural coexistem na atualidade construindo visões de mundo que conformam nossa maneira de pensar, sentir e atuar” (Rodrigo Alsina, 2008, p. 142).

As características apontadas no Quadro 1 descrevem a transformação e convergência dos mundos e representam uma evolução no pensamento e nas práticas sociais e culturais. No mundo monocultural existe pouco espaço para o diálogo e, portanto, para o processo comunicativo; a desigualdade e a intolerância entre as pessoas refletem a falta de espaço para o respeito à diferença e à diversidade. Não há um olhar sinérgico para outras culturas e práticas e, portanto, a estigmatização e o preconceito estão presentes nas relações. No mundo multicultural o diálogo multilateral não existe, pois o processo se estanca na informação. A tolerância ao outro e a coexistência de culturas distintas reforça a identidade única e a construção de alteridades. A noção de território e o reforço identitário fazem com que os sujeitos tenham dificuldade em aceitar os outros de diferentes culturas. É no mundo intercultural que se produz o diálogo verdadeiro, fruto da

comunicação simétrica. O respeito, a diversidade e o reconhecimento do outro com as suas diferenças são aceitos levando a uma convivência diversa e plural. Portanto, só uma mudança de cosmovisão, de paradigma, fará com que o diálogo intercultural seja uma realidade.

O PROCESSO DE COMUNICAÇÃO E O ESTABELECIMENTO DO DIÁLOGO

A comunicação deve ser entendida como um processo contínuo e permanente do qual o ser humano não pode prescindir. Também é um processo de interação que é produzido na criação de sentido e significados (conotativos) e, portanto, é diálogo. Para outros, esse processo vai além e realmente cria

comunicação é definida como a cocriação de novos significados (denotativos), o que é normalmente chamado de “construção de consenso” (Susskind; McKearnen; Thomas-Lamar, 1999). Como um processo comunicativo, o definimos como um conjunto de elementos interdependentes e dinâmicos que, de maneira multidimensional, atuam sinérgica e continuamente.

Para Marcelo Manucci (2005), a comunicação é um espaço de sincronia e de gestão de percepções no qual os diferentes olhares da realidade se entrecruzam, formando novos conceitos e símbolos, ou seja, é o processo central de todo agrupamento humano, uma vez que está na base de todo o sistema social, pelo qual perpassam as interações dos indivíduos.

Por que a comunicação entre pessoas de culturas diferentes é tão

Quadro1: Os mundos monocultural, multicultural e intercultural

Monocultural	Multicultural	Intercultural
Desinformação	Informação	Comunicação/Diálogo
Expulsão/extermínio	Coexistência	Convivência
Desconhecimento	Conhecimento	Reconhecimento
Desigualdade	Diferença	Diversidade
Conquista	Território	Desterritorialização
Intolerância	Tolerância	Respeito
Conversão cultural	Culturalismo	Olhar multifatorial
Identidade unívoca	Reforço identitário	Identificações e mestiçagem
Estigmatização	Construção de alteridades	Descoberta de adscrições identitárias
Monolinguismo	Multilinguismo	Multilinguismo e língua comum

Fonte: Rodrigo Alsina (2008, p. 143).

significado compartilhado, também denominado “consenso” (Grunig; Ferrari; França, 2011). Nesse caso,

desafiante? Acreditamos que o desafio está em que a comunicação, antes de tudo, deve ser um processo de

relacionamento e, em seguida, requer necessariamente ser compreendida como interação e vínculo entre os sujeitos. À medida que um grupo de pessoas compartilhe uma determinada maneira de vida, a possibilidade de que a comunicação seja mais eficaz é maior e, como consequência, maior será a possibilidade de que os sujeitos entendam, assumam e apreendam reciprocamente o sentido que a cultura tem para cada um deles.

É fato que a comunicação intercultural se apropria dos elementos básicos com os quais o processo de comunicação está conformado, que são: a difusão, a interação, a estruturação, a observação, a expressão, sempre com o objetivo de conseguir a criação de sentido. A comunicação intercultural utiliza a difusão quando as pessoas necessitam trocar informações, saberes que foram construídos a partir de códigos nem sempre conhecidos ou compartilhados. A comunicação intercultural é fundamentalmente interação, à medida que os sistemas se vinculam e compartilham conhecimentos, saberes, visões de mundo e imagens de si próprios e de outros com quem interatuam. A comunicação intercultural está relacionada com o intercâmbio de signos e símbolos.

A VISÃO CALEIDOSCÓPICA

DO PROCESSO DE COMUNICAÇÃO

Como campo de pesquisa e disciplina acadêmica, a comunicação intercultural é considerada pelos estudiosos internacionais como recente, ainda em fase de consolidação. Esse mesmo estado da arte pode ser considerado para o Brasil, onde o estudo da comunicação intercultural é ainda incipiente nas universidades brasileiras, ao contrário da antropologia e da sociologia, que contam com robustos estudos sobre cultura e a relação entre culturas, comparando os espaços de relações entre os indivíduos de culturas distintas e, desta forma, olhando para o fenômeno da interculturalidade.

O que ocorre atualmente, fruto das novas demandas das sociedades e do fenômeno da globalização, é que a comunicação intercultural passou a ser um fenômeno importante a ser estudado para entender as relações *inter* e *multi* culturais, pois os relacionamentos e a criação de sentido dos processos sociais têm sido cada vez mais necessários na vida contemporânea. Esse recente interesse em estudar a comunicação intercultural pode ser entendido pela nova dinâmica da sociedade, na qual as culturas são híbridas e os contatos entre as pessoas diferentes são cada vez mais frequentes, o que leva à aceitação de que a comunicação e os processos culturais são cada vez

mais incoerentes dentro do mundo global e da onipresença digital (Ganesh, 2015). Por outro lado, além da importância da disciplina de comunicação intercultural, vemos que o objeto de estudo conta com problemas de ordem epistemológica.

Esse cenário mostra que o estudo da comunicação intercultural deve ser interdisciplinar, ou seja, é através da transversalidade de outras disciplinas das ciências sociais que será possível que os estudos e pesquisas avancem.

A comunicação intercultural parte das dimensões interativa e relacional do processo de comunicação. É interativa porque concebe o processo comunicativo como mecanismo que permite as ações relacionais, mas é também relacional porque o peso dessas relações condiciona constantemente a direção e o sentido da interação. Segundo Rizo (2010, p. 21), “a comunicação intercultural é uma comunicação conflitiva, pois desencadeia interações que nem sempre estão estruturadas para a simetria e o equilíbrio”. Segundo a autora, as desigualdades e assimetrias obedecem a condições históricas concretas de dominação fruto dos conflitos existentes entre diferentes culturas. Em qualquer situação de interação intercultural, dois ou mais grupos levam consigo repertórios de conhecimento disponíveis e é no contato entre eles que se produz o espaço no qual

negociar as interpretações do mundo. Portanto a chave da comunicação intercultural é a interação com o diferente, com tudo aquilo que, de forma objetiva ou subjetiva, se percebe como diferente, seja qual for o motivo da diferença: raça, gênero, classe social, preferência sexual etc.

A relação entre os sujeitos que atuam e interatuam acontece no espaço da vida cotidiana ou também no mundo intersubjetivo. O resultado esperado dessa interação, intermediada pela comunicação, deve produzir um consenso, no qual a negociação supere o conflito.

Na medida em que a comunicação intercultural tenha sentido para os sujeitos podemos afirmar que está criado o espaço para o diálogo cultural, tema que veremos a seguir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de trazer à discussão algumas contribuições que envolvem a comunicação e as relações interculturais, observamos que essas questões estão no centro das reflexões sobre a globalização, a cultura e a sociedade contemporânea, pois pensar a cultura é pensar o que diferencia um grupo de outro e uma sociedade da outra. A abordagem das temáticas mencionadas mostra que sempre nos encontramos em uma arena de conflitos, de debates e de diferentes pontos de vista e que assim deve ser,

pois o pensamento pasteurizado não reflete a sociedade contemporânea.

Pela escassa produção de estudos brasileiros sobre a comunicação intercultural, os pesquisadores locais têm sido obrigados a buscar e, às vezes a referendar, pesquisas e materiais oriundos de visões de mundo historicamente distintas do contexto brasileiro. Em que pesem as diferenças conceituais, ideológicas, históricas e metodológicas dos estudos internacionais, os pesquisadores estrangeiros oferecem uma contribuição teórica no sentido de proporcionar ao pesquisador brasileiro uma fonte de referências para seus estudos nacionais.

Da reflexão realizada no presente texto, podemos destacar a forte relação entre cultura e comunicação, que é destacada por Stuart Hall, para quem a cultura e a comunicação são sinônimas. Também insistimos em que a comunicação intercultural só pode ser estudada à luz da interdisciplinaridade dos conhecimentos, ou seja, das teorias, dos conceitos e das abordagens das distintas disciplinas das ciências sociais — seja por meio dos conceitos da psicologia que trata dos processos de construção de culturas e da mediação como mecanismos específicos para a aculturação, como pela colaboração da área da educação quando propõe a educação intercultural para a educação de paz e a prevenção do racismo, por exemplo. Não menos importante, também a área da comunicação analisa as formas dos relacionamentos entre os diferentes, tendo como objetivo a

produção de uma comunicação mediada e com sentido para que todos os sujeitos participantes desse processo possam comungar de uma compreensão comum.

Segundo Dantas (2012), o pensamento científico é único e ainda pode ser considerado de excelência em seu próprio campo, porém quando ultrapassa essa tênue linha, pode destruir o universo simbólico de outras culturas. Nesse sentido, para a autora “o diálogo intercultural tem um caráter de projeto ético guiado pelo valor da aceitação do outro” (Dantas, 2012, p. 17).

Fica claro no texto que a interculturalidade necessita de algumas condições para que exista e elas são: privilegiar o diálogo — e para isso é vital estabelecer uma interrelação, e não uma dominação entre os sujeitos. Temos observado que, muitas vezes, os estudos interculturais mostram que o contato entre culturas é antes um fator de conflito do que sinergia, uma vez que no processo de contato com culturas diferentes o sistema de crenças e valores está sujeito a fricções. Segundo, eliminar os estereótipos tão comuns no contato cultural; e ao eliminá-los, é preciso uma mudança de mentalidade. Em seguida, iniciar a negociação intercultural — e para isso é preciso que os diferentes sujeitos aceitem o diálogo em posição de igualdade. E finalmente reconhecer que os valores de nossa sociedade não são

únicos e nem são os melhores, e que aceitar que as demais culturas têm seu valor próprio é reconhecer que o mundo é feito *de e para* as diferenças.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Livia; VELOSO, Letícia. Gerência intercultural, diferença e mediação nas empresas transacionais. *Civitas: Revista de Ciências Sociais*, Porto Alegre: PUC-RS, v. 7, n. 1, p. 59-85, jan./jun. 2007.

BECK, Ulrich. *What is globalization?* Cambridge: Polity Press, 1999.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. 2. ed. Bauru: Edusc, 2002.

DANTAS, Sylvia Duarte (Org.). *Diálogos interculturais: reflexões interdisciplinares e intervenções psicossociais*. São Paulo: IEAUSP, 2012.

EIHAJJI, Mohammed. Comunicação intercultural: prática social, significado político e abordagem científica. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*, ago. 2006. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/ecompos/article/viewFile/86/86>>. Acesso em: 16 abr. 2015.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. *Cartografias dos estudos culturais: uma versão latinoamericana*. 2. ed. – revis. e ampl. *online*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

GANESH, Shiv. Da inteligência à inteligibilidade cultural: tecnologia digital, ação coletiva e comunicação nos nossos dias. In: MOURA, Cláudia Peixoto de; FERRARI, Maria Aparecida. *Comunicação, interculturalidade e organizações: faces e dimensões da contemporaneidade*. [E-book] São Paulo: Abrapcorp; Porto Alegre: Edipucrs, 2015.

CANCLINI, Néstor García. *La globalización imaginada*. Buenos Aires: Paidós, 1999.

GRUNIG, James E.; FERRARI, Maria Aparecida; FRANÇA, Fábio. *Relações públicas: teoria, contexto e relacionamentos*. 2. ed. São Caetano do Sul, SP: Difusão, 2011.

HALL, Edward T. *The silent language*. Garden City, NY: Doubleday, 1959.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

_____. Old and new identities, old and new ethnicities. In: K-ING, Anthony D. (Ed.). *Culture globalization and the worldsystem*. Londres: MacMilan; Nova York: State University of New York, 1993.

_____. *A identidade cultural na pósmodernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

IANNI, Octavio. *Enigmas do pensamento latino-americano*. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA), 2005.

MANUCCI, Marcelo. *Atrapados en el presente: la comunicación, una herramienta para*

construir el futuro corporativo. Quito: Ciespal; Editorial Quipus, 2005.

MORIN, Edgar. *Introducción al pensamiento complejo*. Barcelona: Gedisa, 1997.

POLETTI, Júlia; KREUTZ, Lúcio. Stuart Hall: a identidade cultural na pós-modernidade. *Conjectura: Filos. Educ.*, Caxias do Sul, RS, v. 19, n. 2, p. 199-203, maio/ago. 2014.

RIZO GARCÍA, Marta. Intersubjetividad y diálogo intercultural: la sociología fenomenológica y sus aportes a la comunicación intercultural. *Revista Comunicación y Medios*, Instituto de la Comunicación e Imagen, Santiago de Chile, n. 21, p. 13-23, 2010.

RODRIGO ALSINA, Miquel. Cuestionamientos, características y miradas de la interculturalidad. *Sphera Publica*, Universidad Católica San Antonio, Murcia, Espanha, n. 4, p. 53-68, 2004.

_____. (In)comunicación intercultural. In: CONGRESO INTERNACIONAL SOBRE EL DIÁLOGO INTERCULTURAL, 1º, Universidad de Murcia, Espanha, 22-24 out. 2008. *Anais...* Universidad de Murcia, 2008. _____. *La comunicación intercultural*. 2. ed. Barcelona: Anthropos, 2012.

_____. Elementos para una comunicación intercultural. *Revista Cidob d’Affers Internacionals*, Barcelona, n. 36, p. 11-21, maio 1997.

SCHEIN, Edgard H. Culture: the missing concept in organization studies.

Administrative Science Quarterly, 41, p. 229-240, 1986.

SUSSKIND, Lawrence; McKEARNAN, Sarah; THOMAS-LARMER, Jennifer (Ed.). *The consensus building handbook: a comprehensive guide to reaching agreement*. Thousand Oaks, CA: Sage, 1999.

UNESCO. *Investir na diversidade cultural e no diálogo intercultural*. Relatório Mundial da Unesco. Resumo. Paris: Unesco – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2009.

WANDERLEY, Luiz Eduardo W. São Paulo no contexto da globalização. *Revista Lua Nova*, São Paulo, n. 69, p. 173-203, 2006.

WARNIER, Jean-Pierre. *A mundialização da cultura*. Bauru: Edusc, 2000.